

## O perfil dos Mestres de Bandas civis do Estado de Minas Gerais: uma história da educação musical no Brasil

### Comunicação

*Aglailson Sousa França*  
*Universidade Federal de São João Del-Rei - UFSJ*  
*aglailsonfa@gmail.com*

*Idalmo Jonatan Castro Santos*  
*Universidade Federal da Bahia - UFBA*  
*idalmotrombone@gmail.com*

**Resumo:** O presente trabalho tem como tema a educação musical promovida pelas Bandas de Música de Minas Gerais. A necessidade de aprofundamento no assunto surgiu no contexto da experiência dos autores, ambos tiveram sua formação inicial em bandas de música. Neste contexto, destaca-se o profissional que coordena os grupos, leciona, escreve os arranjos, atua na regência, entre outras atividades, estamos falando dos Mestres de Bandas. Porquanto, se fez necessário o objetivo de delinear o perfil dos Mestres de Bandas. Neste ínterim, buscou-se dados bibliográficos, bem como entrevistas com Mestres de Bandas, que corroboram com os objetivos deste trabalho. Nossas bases teórico-metodológicas permeiam os trabalhos de autores como Alves; Souza e Pinto (2018), Saquett (2014), Benedito (2011), entre outros. Destarte, nossos resultados preliminares indicam a possibilidade de uma compreensão mais ampla do perfil dos mestres de banda por meio de entrevistas e da contextualização histórica bibliográfica.

**Palavras-chave:** Mestre de banda, Métodos coletivos de ensino, Bandas civis.

### Introdução

As bandas de música no Brasil constituíram-se através de um processo histórico de adaptações frente às condições culturais, sociais, religiosas, políticas e econômicas desde o século XVIII, primeiramente como bandos precatórios, bandas de barbeiros ou de militares nas principais vilas da Colônia. Grupos mais bem organizados, de bandas de militares, surgiram após a chegada de Dom João VI ao Brasil ocorrida em 1808, quando esses conjuntos além de acompanhar batalhões em seus desfiles e ordens do dia serviam, também,

para abrilhantar procissões organizadas pelos católicos ao longo de cada ano, segundo Melo (2013), Costa (2011), Binder (2006) e Salles (1985).

De acordo com Fagundes (2010), em Minas Gerais, a consolidação das bandas foi impulsionada pelas atividades exploratórias do ouro e de pedras preciosas, atraindo pessoas, de países diferentes da Europa principalmente, apresentando uma diversidade cultural, mesclando ao que já estava presente no país, a exemplo das bandas militares, que começaram a se espalhar nos quartéis de todo o Brasil através de um decreto assinado por D. João VI em 27 de março de 1810, o qual estabelecia o ensino de música e a prática instrumental, bem como a criação de um corpo de música em cada regimento (Salles, 1985).

Segundo Pereira (1999), desde meados do século XVIII as bandas se mantiveram ativas em eventos sociais, ora de ordem religiosa, ora de ordem cívica ou simplesmente para o deleite dos seus ouvintes apresentando-se em retretas, procissões, eventos esportivos, dentre outros. Tal fato, pode ter contribuído para que elas, mediante demandas, se organizassem no sentido de promover o treinamento de instrumentistas a fim de incorporá-los aos seus conjuntos musicais, os quais precisavam renovar o quadro de pessoal, muitas vezes, com o mínimo de tempo, falta de recursos e com o máximo possível de resultados, como diz Guimarães *et al.* (2009).

Para manter esse sistema, o modelo de ensino de música nesses grupos, era assumido pelo mestre de banda, um profissional polivalente. Na literatura especializada, são muitos os autores, tais como Alves; Souza e Pinto, 2018; Granja, 1984; Campos, 2015; Palheta, 2021; Benedito, 2011 e Amaral, 2017 que discutem as múltiplas funções desse profissional, descrevendo-o por sua versatilidade, como professor de teoria, de prática instrumental, regente, arranjador, compositor, agente cultural e administrativo, gestor cultural, possuidor de conhecimentos tecnológicos e elaborador de projetos.

Palheta (2021) ressalta que tais habilidades, transformam esse mestre em agente difusor e articulador das atividades musicais e pedagógicas na banda de música. Essa realidade

apontada pelos autores parece ser o perfil dos mestres das bandas civis de Minas Gerais, o que nos instiga a questionar – qual é a formação desses mestres? Será que eles também tiveram a iniciação musical nas bandas? Eles continuam repetindo saberes adquiridos dentro das próprias bandas ou estão buscando ou sendo chamados a aperfeiçoar suas práticas no que se refere ao ensino da música?

Considerando os atributos esperados que o mestre de banda exerça e, que o ensino de música na banda pode se caracterizar por meio de contínuas transformações, nos dedicamos a delinear do perfil dos Mestres de Bandas civis de Minas Gerais, através do uso de manuais, apostilas ou livros didáticos de ensino da música, como também, sobre a formação musical e conhecimentos adquiridos.

Os dados e demais informações estão sendo obtidos em resposta a um questionário, o qual poderá oferecer conteúdos relacionados a questões quantitativas e, uma reflexão, em parte, quali quantitativa diante das transformações da educação contemporânea, a qual requer um profissional ainda mais comprometido com as mudanças e transformações sociais, formação pautada em bases consistentes, teorias sólidas e fundamentadas nos princípios da qualidade e de relevância social, sem perder a essência da tradição que envolve práticas das bandas de música no Estado de Minas Gerais.

À face do exposto, usaremos como parâmetros de classificação dos mestres tradicionais e dos mestres atuais, tal como apresentados por Alves; Souza e Pinto (2018):

**Mestre Tradicional** – o perfil que consideramos como tradicional é geralmente do sexo masculino e obteve seus ensinamentos musicais em uma banda de música desde criança. Lá, ele aprendeu um pouco de cada instrumento e de regência. Além disso, é um arranjador e comumente um compositor. Grande parte desses mestres desenvolveu suas funções em uma banda da cidade, ingressou em uma corporação militar e depois retornou para assumir a função de mestre. Geralmente ele não recebe remuneração ou, em alguns casos, apenas uma ajuda de custo. Quase sempre gasta bastante de suas economias na busca por melhores condições de seu grupo musical.

**Mestre Atual** – normalmente não tem habilidade em diferentes instrumentos. Ele utiliza monitores-músicos da própria banda ou mesmo professores específicos de instrumento. Há inclusive um maior número de mulheres nesse perfil e são encontradas em maior escala nos grandes centros urbanos. Ele sabe que o grau de exigência por parte dos alunos atualmente é cada vez maior. O seu aluno busca, através da internet, acesso às aulas, gravações e apresentações de bandas de música e instrumentistas de todo o mundo. Isso exige atualização e conhecimento das novas ferramentas de ensino e motivação. Esse mestre é remunerado, tem ou terá curso superior em música e procura fazer com que sua banda se torne sinfônica. (Alves; Souza e Pinto, 2018, p. 49).

Através do delineamento do perfil dos mestres de banda mineiros, nossa pesquisa poderá verificar se eles continuam repetindo saberes adquiridos dentro das próprias bandas ou se estão buscando ou sendo chamados a aperfeiçoar suas práticas no tocante ao ensino da música, tendo em vista o surgimento de materiais didáticos voltados ao ensino coletivo de instrumentos de sopros e percussão, cursos básicos, técnicos e superiores de regência em banda e, outros meios que possuem o objetivo de contribuir na qualidade do ensino de música nas bandas.

Meu interesse por esta pesquisa, parte de uma vivência nos idos dos anos 90, enquanto aluno da Associação Musical Cajuruense de Carmo do Cajuru – MG. Naquela época, as aulas eram ministradas pelo mestre, o qual obteve sua formação musical na própria banda, não fazia uso de manuais, apostilas ou livros didáticos para as aulas de música e de estudo do instrumento. Não existia um planejamento e metodologia fundamentada em um sistema de ensino formal existente nos conservatórios e academias.

Tais características de ensino podem ser analisadas sobre a perspectiva do ensino formal e não formal da música. Saquett (2014) expressa que as bandas de música representam uma tradição cultural com características próprias que dialogam com as transformações ocorridas na sociedade, diante disso, esperamos entender como o

ensino-aprendizagem nas bandas de Minas Gerais está sendo conduzido pelo mestre de banda.

Benedito (2008) nos diz que as bandas possuem uma prática de ensino dinâmica, caracterizada pelo objetivo de tocar na banda sem receber um diploma; o treinamento de leitura antecede a prática instrumental; não há seriação nem um programa unificado; o aprendizado é realizado através do relacionamento com os músicos mais antigos numa convivência diária com a rotina musical da entidade como fator de aprimoramento e renovação de seu contingente.

Diante das características listadas por Benedito (2008), podemos verificar semelhanças do ensino de música nas bandas quando analisamos o conceito de educação não-formal sobre o ponto de vista de Libâneo (2010), quando o autor descreve que o ensino é realizado em instituições educativas fora dos marcos institucionais, mas com certo grau de sistematização e estruturação. Silva e Torres (2022) sugere que:

Esta se desenvolve em espaços adequados, é planejada, mas não totalmente obrigatória. Envolve grupos de pessoas que estão atentos às necessidades individuais, e geralmente envolve dinâmicas, técnicas socioculturais. A avaliação não atribui graus de aprendizagem, mas é possível colher dados importantes sobre o desenvolvimento de cada ser humano. Cada dia são mais reconhecidas por proporcionarem o desenvolvimento de capacidades não agregadas no ambiente formal (Silva; Torres, 2022, p. 7).

Conforme apresentado, a educação não-formal pode se caracterizar como aquela que ocorre fora do sistema educacional tradicional, como cursos livre, *workshops*, palestras, entre outros, uma vez, que ela completa a educação formal e tem como objetivo promover o aprendizado contínuo e o desenvolvimento pessoal, sendo assim, nos leva a pressupor que esta característica de ensino seja uma representação do ensino aplicado pelo mestre tradicional.

Através da minha experiência, como ex-aluno e trombonista da Associação Musical Cajuruense e, atualmente músico profissional e mestre de banda em Capitólio-MG, desejo levantar informações sobre o atual funcionamento educacional das bandas de músicas civis de Minas Gerais, de modo que possamos compreender as possíveis mudanças no que se refere a formação do mestre de banda, suas práticas pedagógicas, a utilização ou não de manuais didáticos para o ensino teórico e da técnica instrumental, dentre outras informações que possam surgir no delinear da pesquisa, para os dias atuais.

## **Abordagem metodológica e construção de dados**

Ao realizar nossa revisão bibliográfica sobre a educação musical brasileira, foi possível encontrar discussões em torno dos múltiplos espaços e contextos de ensino e aprendizagem musical. Segundo Hentschke (2001), esta discussão defende a necessidade de conhecer esses espaços e contextos musicalizadores e, sobretudo, a realização de pesquisas e mapeamentos de espaços não-escolares, tornando-os objeto de investigação.

Sobre esta perspectiva, nos debruçamos sobre as bandas, as quais apresentam fontes ricas para abordagem sobre diversos temas:

As bandas de música são fontes ricas para a abordagem de diversos temas, pois representam uma tradição cultural com características próprias que dialogam com as transformações ocorridas na sociedade. Dentre estas características, podemos destacar a importância e o potencial que as bandas têm enquanto formadoras de músicos instrumentistas, profissionais ou não. Em função de sua origem e do instrumental utilizado, seus referenciais sonoros e de transmissão em geral se apoiam em valores estéticos e sociais herdados do universo da música de concerto (Saquett, 2014, p. 1).

Assim, fomos atrás de fundamentos bibliográficos preliminares: dissertações, teses, livros, *sites*, periódicos, artigos científicos, dentre outros que nos subsidiassem a respeito da figura representada pelo mestre de banda, seu espaço e contexto na transmissão do conhecimento, de forma que fosse possível levantar um diagnóstico sobre os caminhos

traçados pela educação musical aplicada dentro das bandas mineiras, seja ela através do ensino formal, informal ou não-formal.

Para isto, em um paralelo com o que é realizado em um censo demográfico, o retrato estático de uma população ou atividade é o ponto de partida para o conhecimento das reais condições daquela população ou atividade naquele momento, tornando-se um norte e o balizador para elaboração de estratégias de melhorias ou garantia de atuação. É sabido que esse não se encerra em si próprio e é mister que deva ser revisitado e reavaliado de tempos em tempos a fim de comparação ou validação das ações. Diante disso, tão importante quanto o dado bruto, sua interpretação e a busca pela compreensão dos fatores determinantes daquele cenário delimitado por eles são valiosas.

Nesta pesquisa, almejamos contribuir com esse ponto de partida, a partir da delimitação e análise quantitativa do perfil dos mestres de banda mineiros através de sua formação, trajetória profissional, práticas pedagógicas, uso de manuais, os quais nos referimos aos livros ou métodos didáticos, utilizados para o ensino da teoria e da técnica dos instrumentos musicais.

O estudo foi realizado a partir de uma amostragem extraída do banco de dados da Secretaria de Estado de Cultura e Turismo de Minas Gerais – Secult-MG, que dispõe de dados referentes às 679 bandas de música cadastradas por ela até o dia primeiro de setembro de 2020. Esses grupos musicais estão espalhados por todo o Estado que, geograficamente está constituído por macrorregiões, mesorregiões e microrregiões. A descrição desses casos múltiplos, enquanto descrição completa de um fenômeno segundo Meirinhos e Osório (2010) serve para o estudo de caso como estratégia de investigação em educação.

A ferramenta utilizada para coleta de dados foi um questionário do tipo misto, composto por cabeçalho com uma breve orientação sobre o objetivo da pesquisa, identificação de dados da banda e do seu mestre. Foram três sessões, do tipo fechado,

compostas por 19 perguntas de múltipla escolha em linguagem simples e objetiva pertinentes à composição da banda, a formação musical do regente e sobre os métodos de ensino utilizados e uma pergunta dissertativa sobre a metodologia de ensino adotada na formação musical da banda.

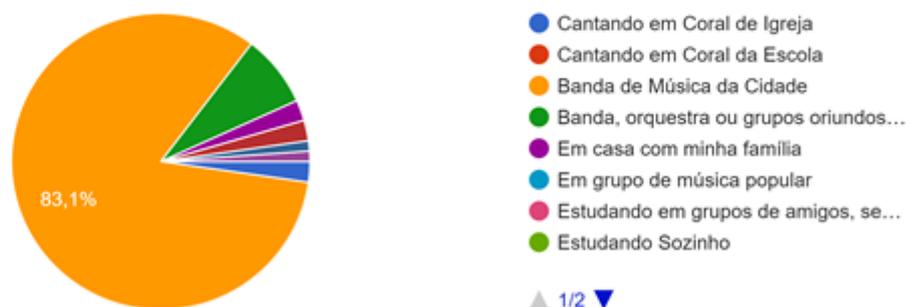
O questionário foi transcrito para a plataforma Google Formulário. Cada entrevistado, acessa as perguntas por meio de um *link* encaminhado por e-mail ou *WhatsApp*, garantindo o recebimento e acesso ao questionário. Em anexo foi enviado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

A plataforma disponibiliza gráficos referentes às questões de múltipla escolha. Em seguida, analisamos as respostas dissertativas em busca de pontos em comum ou divergentes. Posteriormente, procedemos à correlação entre as sessões que nos ajudou a traçar o perfil do mestre de banda mineiro.

Apresentamos a seguir, os resultados preliminares das entrevistas, que colaboram para um entendimento mais amplo do perfil do mestre de bandas. Até o momento da elaboração deste trabalho, contamos com 89 respostas. Assim, com base em nossa atual amostragem, obtivemos os seguintes dados:

Figura 1: Pergunta sobre o início da formação

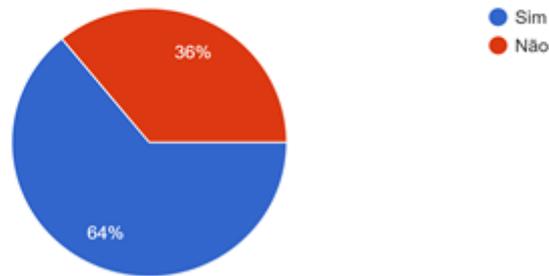
1. Como se deu o início da formação musical do Mestre/Maestro?  
89 respostas



Fonte: I Elaborado pelo autor (2024)

Figura 2: Pergunta sobre o nível de formação

1. Você possui alguma formação de curso técnico ou superior em música?  
89 respostas



Fonte:2 Elaborado pelo autor (2024)

Podemos constatar, com base nos gráficos (Figura 1 e Figura 2) apresentados, que a maioria dos mestres de banda, que responderam ao questionário, tem o início da sua formação musical nas bandas e posteriormente, buscam uma formação superior.

Sobre a formação inicial do mestre de banda, foi possível analisar que o gráfico sugere que a maioria dos Mestres ou Maestros de Bandas de Minas Gerais teve sua formação inicial na banda de sua cidade, representando 83,3% dos entrevistados. Esse resultado pode ser um indicativo do papel crucial que as bandas desempenham no desenvolvimento musical nas cidades mineiras. As bandas de música, muitas vezes ligadas a tradições locais e eventos comunitários, são um ambiente de aprendizado prático, onde jovens músicos podem adquirir habilidades desde cedo. Esse dado evidencia que a formação musical em Minas Gerais tem uma forte ligação com a cultura local e que as bandas de cidades são um ponto de partida central para os futuros maestros.

O gráfico também pode ser interpretado como um reflexo da longa tradição das bandas civis no Estado, que têm uma história rica e estão profundamente enraizadas na

cultura popular. Esses grupos, muitas vezes formados por músicos autodidatas e regentes locais, funcionam como importantes escolas de música, oferecendo oportunidades para

jovens aprenderem instrumentos e performance em grupo, sem necessariamente depender de uma formação musical formal.

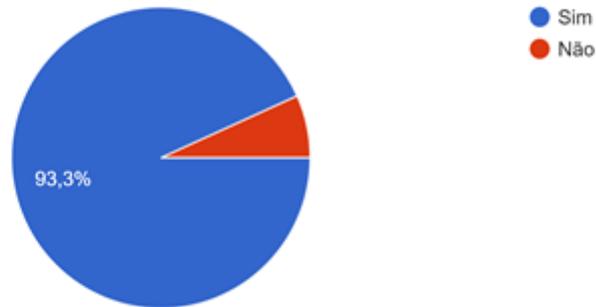
As outras categorias listadas na pesquisa somam 16,7%. A presença de respostas nessas categorias, ainda que pequena, sugere que existam múltiplos caminhos de entrada na música, mesmo que o papel das bandas de cidade seja dominante. Esses dados indicam que, embora a maioria comece em bandas locais, algumas pessoas têm acesso a formação musical em outros contextos, como igrejas, escolas e ambientes familiares, embora essas rotas sejam muito menos comuns.

A predominância da formação em bandas de música das cidades reflete uma particularidade cultural e histórica de Minas Gerais. As bandas de música, frequentemente associadas a celebrações religiosas e eventos comunitários, são instituições centrais em muitas cidades mineiras. Elas funcionam como uma importante ponte entre a música erudita e a popular, além de oferecerem um espaço de socialização e aprendizado musical prático.

Esse dado também indica a importância de preservar e fomentar essas bandas municipais, que têm desempenhado um papel essencial na formação de músicos e maestros ao longo de gerações. Investir em políticas públicas para apoiar as bandas locais pode ser um meio eficaz de garantir que essa tradição continue a formar futuros profissionais da música. Além disso, seria interessante investigar a qualidade e o tipo de formação oferecida por essas bandas, bem como a trajetória de seus membros depois de ingressarem na vida profissional, a fim de entender mais profundamente os impactos dessa experiência em suas carreiras musicais.

Figura 3: Pergunta sobre as atividades do mestre de banda

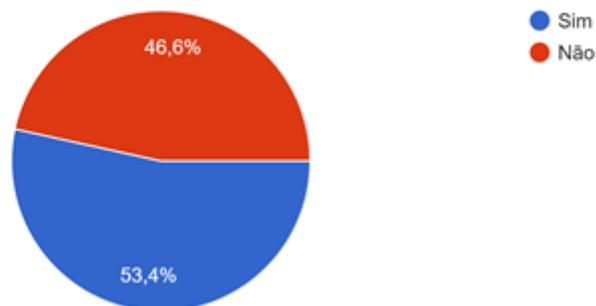
1. Você exerce alguma atividade além de Mestre/Maestro da banda como: arquivista, arranjador, compositor, copista, gestão de projetos, professor d...ento(s) musical(is), professor de teoria e solfejo?  
89 respostas



Fonte:3 Elaborado pelo autor (2024)

Figura 4: Pergunta sobre a existência de equipe pedagógica de apoio ao mestre de bandas

1. Além do/a Mestre/Maestro, existem outros professores ou monitores que trabalham na formação musical dos integrantes da banda de música?  
88 respostas



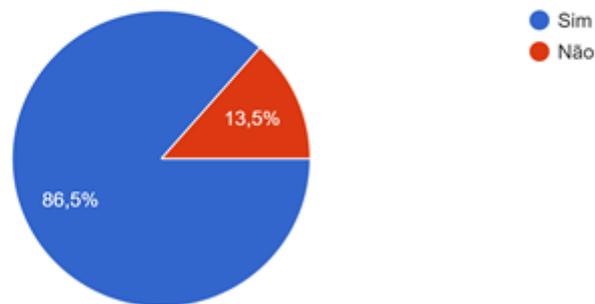
Fonte:4 Elaborado pelo autor (2024)

Como podemos observar pelos dados (Figura 3 e Figura 4) a grande maioria dos pesquisados exercem outras atividades além da regência como mestre de banda. Esse dado evidencia a característica polivalente desses profissionais. Assim, nossos resultados preliminares confirmam a versatilidade do mestre de banda descrita pelos autores Alves;

Souza e Pinto, 2018; Granja, 1984; Campos, 2015; Palheta, 2021; Benedito, 2011 e Amaral, 2017.

Figura 5: Pergunta sobre métodos de ensino coletivo conhecidos

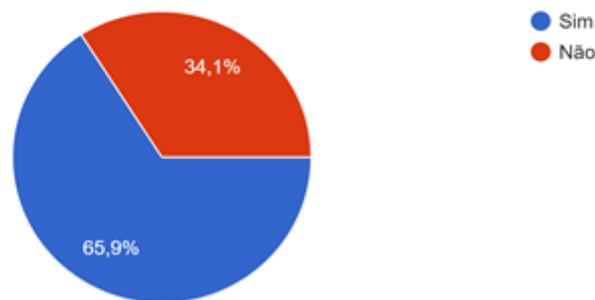
1. Você conhece algum método de ensino coletivo para instrumentos de sopros e percussão a exemplo dos métodos: Da Capo (Joel Barbosa), Mét...ial Elements (Tim Lautzenheiser), dentre outros?  
 89 respostas



Fonte:5 Elaborado pelo autor (2024)

Figura 6: Pergunta sobre elaboração de método próprio

1. Você desenvolve algum método de ensino musical próprio para a banda de música?  
 88 respostas



Fonte:6 Elaborado pelo autor (2024)

Considerando os dados referentes às Figuras 5 e 6 fica evidente que a maioria dos pesquisados conhecem os métodos de ensino coletivo disponíveis e também desenvolvem o

seu próprio método. Assim, podemos inferir a existência de vários métodos locais, possivelmente inspirados em outros trabalhos, mas adaptados à realidade de cada mestre.

Os dados indicam que a grande maioria dos mestres de banda, 86,7%, conhece métodos de ensino coletivo para instrumentos de sopro e percussão. Esse percentual significativo demonstra que os métodos coletivos têm boa aceitação no campo do ensino musical, sendo reconhecidos como ferramentas importantes para a educação de grupos de instrumentos de sopro e percussão.

O reconhecimento e a familiaridade com esses métodos podem estar associados à sua eficácia em contextos de ensino em grupo, nos quais os integrantes da banda desenvolvem habilidades musicais de forma colaborativa e estruturada. Métodos como Da Capo, Tocar Junto e Essencial Elements oferecem uma abordagem progressiva e coletiva para o ensino, com foco no desenvolvimento técnico e teórico de forma simultânea, o que pode explicar sua adoção e conhecimento por parte dos mestres.

O percentual de 13,3% que desconhece esses métodos pode indicar uma falta de acesso ou familiaridade com abordagens mais recentes de ensino coletivo, ou até uma preferência por métodos mais tradicionais, individualizados ou autodidáticos. É importante considerar que alguns mestres podem trabalhar em contextos que ainda não incentivam o uso de metodologias coletivas formais, ou preferem adaptar seus próprios métodos de ensino conforme as necessidades específicas da banda.

A expressiva maioria que conhece esses métodos sugere que o ensino coletivo vem ganhando espaço nas práticas pedagógicas das bandas de música. A disseminação desse conhecimento entre os mestres de banda pode indicar uma tendência de modernização e a adoção de abordagens pedagógicas colaborativas, que facilitam a instrução simultânea de vários músicos e promovem uma prática musical mais dinâmica e integrada.

No entanto, a parcela que desconhece esses métodos aponta para a necessidade de maior disseminação e capacitação sobre o uso de abordagens coletivas, garantindo que todos

os mestres de banda tenham acesso às ferramentas mais atualizadas e eficazes para o ensino musical.

## Considerações finais

Movidos pela forte tradição cultural de bandas de músicas civis em Minas Gerais, pela vivência pessoal como aluno e ex-integrante e, mais recentemente, como músico profissional e educador musical, esta pesquisa pretende encontrar subsídios que evidenciem a realidade do perfil dos mestres das bandas mineiras. Sem desmerecer ou comparar qualitativamente o desempenho deles, nosso objetivo é conhecer e compreender a formação, a trajetória profissional, a prática pedagógica de ensino da música, pois reconhecemos suas contribuições no âmbito da musicalização e a formação musical de seus alunos.

Compreendemos que as práticas desses mestres mineiros podem nos apresentar um panorama mais fidedigno do quadro geral em que se encontra a formação musical dos regentes ocorrida, em grande escala, no âmbito das bandas de música no Estado. Há muito tempo, esta tem sido uma das formas de estudar música, principalmente em cidades onde não existem escolas especializadas de ensino da música. Esses conjuntos musicais fazem parte do tecido social e educacional contribuindo, desse modo, para a formação musical de grande parte da população, despertando vocações e contribuindo para a formação inicial do futuro instrumentista profissional.

Esperamos com os dados que propomos levantar, subsidiar futuras pesquisas no âmbito da educação musical, da formação dos mestres e instrumentistas ou, outras, cujo foco seja a grande diversidade de práticas do universo sonoro existente dentro das bandas mineiras.

## Referências

ALVES, Lélío Eduardo; SOUZA, David Pereira; PINTO, Marco Túlio de Paula. *Manual do Mestre de Banda de Música*. 1.ed. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2018.

AMARAL, José Hérikison Dantas. *Saberes Docentes em Bandas de Música: Um estudo multicaso com Três Maestros no Alto Oeste Potiguar*. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

BENEDITO, Celso José Rodrigues. *Curso de capacitação para Mestre de Filarmônica: o prenúncio de uma proposta curricular para formação do mestre de bandas de música*. XVIII Congresso da Associação Nacional de Pesquisa em Pós-Graduação (ANPPOM), Salvador, 2008.

BENEDITO, Celso José Rodrigues. *O mestre de filarmônica da Bahia é um educador musical*. Tese de Doutorado em Música. Universidade Federal da Bahia, 2011.

BINDER, Fernando Pereira. *Bandas militares no Brasil: difusão e organização entre 1808-1889*. 2006. 3 v. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, 2006.

CAMPOS, Elias Leite. *O maestro de banda brasileiro e sua formação: um caminho entre a banda de música e a academia*. Dissertação de Mestrado – Centro de Letras e Artes - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

COSTA, Manuela Areias. *Música e História: Um estudo sobre as Bandas de Música Cívica e suas Apropriações Militares*. 15. vol. Tempos Históricos, Rio de Janeiro: UFF, 2011.

FAGUNDES, Samuel Mendonça. *Processo de Transição de uma Banda Cívica para Banda Sinfônica*. Dissertação Mestrado em Música \_ Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2010.

GRANJA, Maria de Fátima Duarte. *A Banda: Som e Magia*. 1984. 163f. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Sistema de Comunicação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1984.

GUIMARÃES, Antônio Carlos; CAMPOS, Alexandre Luís Lacerda; CASTAGNA, Paulo. *“Novo Regresso”: Interesse Social da Revitalização do Arquivo da Banda de Música Santa Cecília de Barão de Cocais*. XIX Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música (ANPPOM). Curitiba, 2009.

HENTSCHKE, Liane. *A formação profissional do educador musical: poucos espaços para múltiplas demandas*. In: ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 10., 2001, Uberlândia. Anais... Porto Alegre: Associação Brasileira de Educação Musical, 2001. p. 67-74.

LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e Pedagogos, para quê?* 12° ed., São Paulo, Cortez, 2010.

MEIRINHOS, Manuel, OSÓRIO, António. *O estudo de caso como estratégia de investigação em educação*. EDUSER: revista de educação, Vol. 2 – Instituto Politécnico de Bragança – 2010.

MELO, Edésio de Lara. *Marchas Fúnebres: tradição musical na microrregião de São João Del-Rei-MG*. Belo Horizonte-MG:UFMG, 2013.

PALHETA, Bruno Daniel Monteiro. *A Prática pedagógica-musical do maestro de banda de música no Pará: um estudo de caso*. Revista Cocar. V. 15 N. 32/2021 p.1-17 – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2021.

PEREIRA, José Antônio. *A Banda de música: Retrato Sonoro Brasileiro*. Dissertação Mestrado em Música – Instituto de Artes, UNESP. São Paulo, 1999.

SALLES, Vicente. *Sociedade de Euterpe: As Bandas de Música do Grão-Pará*. Brasília: ed. do autor, 1985.

SAQUETT, Robson Miguel. *Transmissão do saber e relações sociais nas práticas musicais das bandas civis de música*. XXIV Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música – São Paulo – 2014.

SILVA, Deize Heloiza Degrande, TORRES, Júlio César. *Atuação Profissional dos Professores do Campo: Educação Formal, Informal e Não Formal*. Revista Educação em Foco – Universidade Federal de Juiz de Fora, 2022.